

António Lobo Antunes em entrevista. A propósito de *Que Farei Quando Tudo Arde?*, o seu livro recém-publicado, o escritor falou a A CAPITAL.

Páginas 34 e 35

CULTURA & LAZER

TEATRO O JOGO DA SALAMANDRA, COM JOÃO MOTA E MARGARIDA CARDEAL, ESTREIA HOJE NA COMUNA

O fogo que arde sem se ver

José Mário Branco, Paulo de Carvalho, Fernando Tordo e Carlos Mendes fazem novas versões dos seus velhos temas para a banda sonora

GISELA PISSARRA

Sentado à secretária, Luís, escritor, 55 anos, rabisca. Mão apoiada na cabeça, Luís ouve música clássica. Escreve, amachuca e rasga indiscriminadamente papéis. Queima-os na salamandra da sala. Luís é um homem de Abril, um homem que bebeu Marx ou Mao como se fossem a água do mundo e que conhecera anos antes um sucesso estrondoso. Hoje vive com Ana, uma jovem de 25 anos, saída da universidade com o sonho de ser escritora.



O Jogo da Salamandra é a peça que hoje estreia no Teatro da Comuna e a primeira integrada nas comemorações dos 30 anos da companhia. Da autoria do escritor Jaime Rocha, conta com encenação de Celso Cleto e João Mota, regressado aos palcos num extenso papel, e Margarida Cardeal no elenco.

Este foi um projecto que nasceu de uma colaboração de longa data entre autor e encenador. Uma peça psicologicamente densa que, para Celso Cleto, fala de uma geração que ele quis reforçar na encenação como portuguesa. “Trata-se de uma reflexão sobre a geração dos homens que fizeram o 25 de Abril e que lutaram e acreditam em ideais e, por outro, dos valores de uma nova geração em confronto com a primeira”, defende o encenador.

Por isso, convidou Paulo de Carvalho, Carlos Mendes, Fernando Tordo e José Mário Branco para fazerem novas versões de temas tão emblemáticos como *Adeus Tristeza* ou *E Depois do Adeus* – a conhecida senha que anunciou a revolução dos cravos. A paisagem sonora é ainda composta por uma série de trechos de música clássica e pelo emblemático *Requiem* que Mozart escreveu para a sua própria morte – “uma composição cheia de mistério que fala sobre a morte e que faz a ponte para a obsessão de Luís com a mesma”.

Para Celso Cleto, esta encenação obriga a uma reflexão “sobre o que aconteceu aos criadores e lutadores de uma época”. Sobre que caminho seguiram e sobre o modo como lidamos com o nos-



ADELINO OLIVEIRA

Margarida Cardeal e João Mota constituem o elenco do novo espectáculo da companhia da Praça de Espanha

Esta é a primeira peça integrada nas comemorações do 30.º aniversário do Teatro de A Comuna. O texto de *O Jogo da Salamandra* é da autoria do escritor Jaime Rocha e a sua encenação pertence a Celso Cleto

so passado e o nosso legado. “Um projecto que é um acto de coragem para todos os que, marcados por esta realidade, vêm questionar-se”, defende o encenador.

O escritor desta estória entra numa espécie de caminho sem retorno. Decide queimar a sua obra literária, frustrado com o sucesso que já não tem, com os ideais que deixaram de fazer sentido e com um universo interior em ruínas.

Ana tenta combater a crise existencial do homem com quem vive, mas nem os seus “argumentos de 25 anos” nem a sedução do seu corpo jovem o impedem de prosseguir com a ideia de abandonar tudo. Ana é o símbolo de uma juventude e de um sucesso

a que Luís já não pode regressar. Quer sucesso a todo o custo, nem que para isso seja preciso “roubar” a obra daquele que ama.

Para Jaime Rocha, também ele parte integrante da geração de Abril, esta peça embora possa remeter para a questão geracional e para a desilusão das pessoas que acreditaram em ideias que não vingaram – “e que se refugiaram noutras realidades” – vai para além disso. “Nenhum deles é para mim paradigma de uma geração e aquilo que quis aqui pôr em evidência foi a relação mestre/aluna”

Jaime Rocha remete este *Jogo da Salamandra* mais para o cerne do seu universo literário que se relaciona com a questão da im-

possibilidade. “A impossibilidade da felicidade, do amor, da concretização e a condenação de todas as gerações a essa realidade. O conflito, como o conflito destas duas personagens, surge sempre a partir da impossibilidade. De viverem juntos, de terem sucesso...Acredito na sobrevivência das pessoas mas não na felicidade. É uma procura inatingível”. O autor fala na sua identificação com a personagem masculina só ao nível do universo literário. Porque “a literatura nasce do desespero”.

Numa luta travada neste espectáculo, em que ao contrário da lenda da Salamandra – animal mitológico que resiste ao fogo – Ana e Luís vão ambos queimar-se. Mas Luís não resistirá à crise e parte. Ana acaba por descobrir o livro que o escritor não queimou. É o *Jogo da Salamandra* fechado numa gaveta – um livro que conta do jogo da vida.